

## A MORTE DE OFÉLIA

(PARÁFRASE)

Junto ao plácido rio  
Que entre margens de relva e fina areia  
Murmura e serpenteia,  
O tronco se levanta,  
O tronco melancólico e sombrio  
De um salgueiro. Uma fresca e branda aragem  
Ali suspira e canta,  
Abraçando-se à trêmula folhagem  
Que se espelha na onda voluptuosa.  
Ali a desditosa,  
A triste Ofélia foi sentar-se um dia.  
Enchiam-lhe o regaço umas capelas  
Por suas mãos tecidas  
De várias flores belas,  
Pálidas margaridas,  
E rainúnculos, e essas outras flores  
A que dá feio nome o povo rude,  
E a casta juventude  
Chama – dedos-da-morte. – O olhar celeste  
Alevantando aos ramos do salgueiro,  
Quis ali pendurar a ofrenda agreste.  
Num galho traiçoeiro  
Firmara os lindos pés, e já seu braço,  
Os ramos alcançando,  
Ia depor a ofrenda peregrina  
De suas flores, quando  
Rompendo o apoio escasso,  
A pálida menina  
Nas águas resvalou; foram com ela  
Os seus – dedos-da-morte – e as margaridas.  
As vestes estendidas  
Algum tempo a tiveram sobre as águas,  
Como sereia bela,  
Que abraça ternamente a onda amiga. →

Então, abrindo a voz harmoniosa,  
Não por chorar as suas fundas mágoas,  
Mas por soltar a nota deliciosa  
    De uma canção antiga,  
    A pobre naufragada  
De alegres sons enchia os ares tristes,  
Como se ali não visse a sepultura,  
    Ou fosse ali criada.  
Mas de súbito as roupas embebidas  
    Da linfa calma e pura  
Levam-lhe o corpo ao fundo da corrente,  
Cortando-lhe no lábio a voz e o canto.  
    As águas homicidas,  
Como a laje de um túmulo recente,  
    Fecharam-se; e sobre elas,  
Triste emblema de dor e de saudade,  
Foram nadando as últimas capelas.

MACHADO DE ASSIS

[*Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. p. 103-105.]

Editor: José Américo Miranda.